O sono, essa morte servida em pequenas porções.
Que desprezo lhes tenho.

ANÓNIMO

PRÓLOGO

Hoje é o dia trezentos e sessenta e quatro.

Trezentos e sessenta e quatro dias desde a última noite em que dormi. O que acumula quase nove mil horas. Quinhentos e vinte e quatro mil minutos. Trinta e um milhões de segundos.

Ou, para ir na direção contrária, cinquenta e duas semanas. Doze meses.

Um ano inteiro sem ter uma única noite de descanso.

Um ano decorrido aos tropeções pela vida num estado sonolento semiconsciente. Um ano a abrir os olhos e encontrar-me noutra sala, noutra casa, sem memórias de como ali terei chegado nem quando.

Um ano de soporíferos e gotas para os olhos e emborcar litros de cafeína. De dedos trémulos e pálpebras descaídas. De criar uma íntima relação com a noite.

Um ano inteiro desde que alguém levou o meu Mason, e continuo sem estar mais perto da verdade.

CAPÍTULO UM

PRESENTE

— Isabelle, faltam cinco minutos para começar.

As minhas pupilas perfuram um ponto do tapete. Um ponto sem significado, para ser sincera, exceto o facto de, aparentemente, agradar aos meus olhos. Tudo à volta se torna desfocado, enquanto o ponto — o meu ponto — fica mais nítido e visível. Como visão de túnel.

— Isabelle.

Oxalá pudesse manter constantemente esta visão de túnel: a capacidade de me concentrar num único elemento de cada vez. E que tudo o resto fosse mera estática. Ruído branco.

— Isabelle.

Estalo. Estalo.

Encontro uma mão diante do meu rosto a acenar, agora. A estalar os dedos. Faz-me pestanejar.

— Terra chama a Isabelle.

— Desculpe — peço, abanando a cabeça, como se este gesto afastasse o nevoeiro, tal como os limpa-vidros expulsam a chuva. Pestanejo várias vezes antes de procurar novamente o tal ponto, mas desapareceu. Percebo que desapareceu. Fundiu-se de novo com o tapete, esquecido, daquela forma que oxalá também eu pudesse fazer. — Pois, desculpe. Cinco minutos.

Ergo o braço e tomo um gole de café no meu copo descartável: forte, preto, que chia quando os meus lábios gretados se colam à berma.

Costumava apreciar o sabor do café matinal que tomava diariamente. Adorava sentir aquele aroma capaz de encher a minha cozinha; o calor da caneca nos dedos frios e rígidos, quando saía para o alpendre das traseiras e ficava a ver o nascer do sol, o orvalho da manhã acumulando-se em gotas na minha pele.

Mas agora sei que não era de café que eu precisava, e sim, da rotina, dos momentos familiares. Um conforto instantâneo, assim como os *noodles* desidratados, que se devem humedecer com água da torneira antes de levá-los a aquecer no micro-ondas, e chamar a isso um repasto. É o que, entretanto, já não procuro: conforto, rotina. O conforto é um luxo que já não tenho ao dispor, e a rotina… bem, essa também já perdi há muito.

Agora, basta-me a cafeína. Tenho de me manter acordada.

— Dois minutos para entrares.

Observo o homem diante de mim, que apoia um porta-blocos na anca. Respondo com um aceno de cabeça, acabo o resto do café, apreciando o gosto amargo no maxilar. Tem um gosto merdoso, mas não me importo. O que interessa é que resulta. Enfio a mão na bolsa e tiro um frasco de gotas oculares — aliviam a vermelhidão —, vertendo três em cada olho com precisão de profissional. Enfim, tornou-se rotina. A seguir, ponho-me de pé, aliso a frente das calças com as mãos e dou uma palmada nas coxas, sinalizando que estou pronta.

— Acompanhe-me, por favor.

Estendo o braço, indicando ao homem, com gestos, que vá em frente. E sigo atrás dele, passando pela porta, atravessando um corredor mal iluminado, cujas luzes fluorescentes zumbem nos meus ouvidos como uma cadeira elétrica a ganhar vida. Acompanho-o para outra porta, um suave ressoar de aplausos que se desencadeia assim que esta se abre e a atravessamos. Ultrapasso-o, encaminho-me para a berma do palco e permaneço atrás de uma cortina preta, o público quase escondido da vista.

Este é importante. O mais importante da minha vida.

Fito as minhas mãos, nas quais me habituei a usar cartões com apontamentos, frases rabiscadas a lápis. Pequenas instruções sumárias que me alertavam para o que devia dizer, o que devia calar. Como ordenar

a história, como se seguisse uma receita, meticulosa e criteriosamente, despejando os pormenores nas porções corretas. Mas já não preciso disto. Já repeti o procedimento vezes sem conta.

Além do facto de não ter novidades a dar.

— *E agora, estamos finalmente prontos para ouvir aquela pessoa que vieram ver.*

Observo o homem que fala no palco, a três metros de mim, a voz ressoando nos altifalantes. É como se estivesse em todo o lado: diante de mim, atrás. Dentro de mim, em parte. Nas profundezas do meu peito. O público aclama novamente, e eu pigarreio, recordando o motivo que me trouxe a este lugar.

— *Senhoras e senhores da TrueCrimeCon, é com grande honra que vos apresento a nossa oradora convidada… Isabelle Drake!*

Avanço para a luz, aproximando-me com determinação do apresentador ante o seu sinal para entrar no palco. A multidão continua a gritar, alguns de pé, aplaudindo, os olhinhos brilhantes dos seus iPhones apontados na minha direção, gravando-me sem pestanejarem. Viro-me para o público, semicerrando as pálpebras para discernir as silhuetas. A visão ajusta-se um pouco e aceno, sorrindo timidamente, antes de me deter no centro do palco.

O apresentador entrega-me um microfone, que agarro com um aceno de cabeça.

— Obrigada — digo, a voz soando como um eco. — Obrigada a todos pela vossa presença durante este fim de semana. Tantos oradores incríveis.

A multidão volta a delirar, e aproveito os segundos livres para examinar o mar de rostos, como sempre faço. São mulheres, na sua maioria. São sempre mulheres. Mulheres mais velhas em grupos de cinco ou dez, saboreando esta tradição anual: a capacidade de se esquecerem das suas vidas e responsabilidades, e mergulharem na fantasia. Outras mais jovens, na casa dos vinte, com ar nervoso e um pouco envergonhado, como se fossem apanhadas a ver pornografia. Mas também há homens. Maridos e namorados, arrastados contra vontade; dos que usam óculos de armação de metal, barbinha rala e cotovelos numa postura desajeitada e pontiaguda, como galhos de árvores cheios de

nós. No canto, estão os solitários, cujos olhares fixos conseguem causar desconforto, e polícias a percorrer as coxias, disfarçando bocejos.

E depois reparo na roupa.

Uma rapariga traz uma *T-shirt* com os dizeres *Crimes Reais com Vinho Tinto*, em que o T assume a forma de uma arma; outra usa uma camisa branca salpicada de manchas vermelhas — presumo que tentem imitar a cor do sangue. Depois deparo com uma mulher cuja *T-shirt* evoca *Bundy. Dahmer. Gacy. Berkowitz*. Passei há pouco por ela na loja de recordações. Estava exposta num manequim como se fosse a *T-shirt* superdispendiosa de uma banda, vendida nas tendas de mercadorias dos concertos onde se encontram os objetos de valor para fãs fanáticos.

Sinto a conhecida onda de fel crescer na garganta, quente e afiada, e obrigo-me a desviar o olhar.

— Como devem saber, chamo-me Isabelle Drake e o Mason, o meu filho, foi raptado há um ano — digo. — Um caso ainda por resolver.

As cadeiras rangem; há quem pigarreie. Uma mulher tímida na primeira fila abana a cabeça ligeiramente, com lágrimas nos olhos. Está a adorar esta situação, bem sei. É assim como assistir a um filme preferido, devorando pipocas inconscientemente, mexendo os lábios enquanto se recitam as falas. Conhece de antemão o meu discurso; acompanhou o ocorrido. Ela sabe, e apesar de tudo, não se farta. Nenhum deles se farta. Os assassinos estampados nas *T-shirts* são os vilões; os homens fardados ao fundo da sala, os heróis. O Mason é a vítima… e eu, não sei bem onde me encaixo.

Talvez como a sobrevivente solitária. Aquela que traz uma história para contar.

CAPÍTULO DOIS

Instalo-me no meu assento. O da coxia. Geralmente, prefiro viajar junto à janela. Para apoiar a cabeça e fechar os olhos. Não propriamente para dormir. Tentando descontrair um pouco. *Microssono*, é como lhe chama o médico. Uma situação que qualquer pessoa encontra, nomeadamente nos aviões: as pálpebras tremem, a cabeça cambaleia. Obtendo dois a vinte segundos de inconsciência antes de o pescoço recuperar a postura direita com um esticão surpreendente, qual espingarda que é engatilhada e fica pronta a disparar.

Viro-me para o lugar à minha direita: vazio. Oxalá se mantenha assim. Descolamos daqui a vinte minutos; a porta de embarque vai fechar. E logo a seguir, posso trocar de assento. Fechar os olhos.

E talvez tentar obter um pouco de descanso, como faço há cerca de um ano.

— Dá-me licença.

Sobressalto-me, olhando para cima, encontrando a hospedeira de bordo. Bate nas costas da minha cadeira com ar reprovador.

— Por favor, verifique se as costas da sua cadeira estão direitas.

Olho para baixo, aperto o pequeno botão prateado situado no encosto do braço, e sinto as costas inclinarem-se para a frente num ângulo agudo, dobrando-me o estômago. A hospedeira já se endireitou e começa a fechar os compartimentos superiores à medida que avança, mas estendo o braço e interrompo-a.

— Podia trazer-me uma água gaseificada?

— O serviço de bebidas terá início assim que estivermos no ar.

— Por favor — peço, agarrando-lhe o braço com mais força antes que ela desapareça. — Se não for muito incómodo. Passei o dia inteiro a falar.

Toco na garganta para dar ênfase, e ela passa o olhar pela coxia, vendo os outros passageiros remexerem-se, desconfortáveis, ajustando os cintos. Vasculhando as mochilas à procura de auscultadores.

— Está bem — responde, os lábios retesados. — Um momento.

Sorrio, aquiesço e ajeito-me no assento, antes de perscrutar o interior do avião, examinando os passageiros com quem irei partilhar este ar circulado durante o trajeto de quatro horas entre Los Angeles e Atlanta. Gosto de me dedicar a este jogo, tentar imaginar o que fazem aqui. Que circunstâncias de vida os trouxeram a este preciso instante, a fazerem parte deste preciso grupo de estranhos. Interrogo-me sobre os seus afazeres, quais os seus planos.

Seguem para um destino, ou regressam a casa?

Pouso o olhar primeiro numa criança desacompanhada com auscultadores gigantes que lhe engolfam as orelhas. Talvez fruto de um divórcio, o qual a obriga a ser despachada, um fim de semana por mês, de um ao outro lado do país como uma mercadoria. Tento imaginar como seria o aspeto do Mason naquela idade… podiam aqueles olhos verdes ter ficado ainda mais verdes, duas esmeraldas gémeas reluzindo como as do pai, ou aquela pele macia de bebé teria adquirido o mesmo tom de azeitona da minha, um bronzeado natural que não requer sol.

Engulo com força, obrigo-me a desviar a vista, virando-me para a esquerda e analisando os outros.

Vejo pessoas mais velhas, homens com computadores portáteis e mulheres com livros; adolescentes curvados por cima de telemóveis nas cadeiras pequenas, com os joelhos desajeitadamente espetados nas costas dos assentos dianteiros. Haverá quem viaje para casamentos ou funerais; haverá quem inicie viagens de negócios ou escapadelas clandestinas pagas em dinheiro vivo. Haverá, entre aquelas pessoas, quem tenha segredos. A bem dizer, todas os têm. Mas algumas delas terão segredos sérios, complicados. Segredos profundos, sombrios e obscuros,

escondidos imediatamente sob a pele, que deslizam pelas veias e se espalham como uma doença.

Dividindo-se, multiplicando-se, dividindo-se novamente.

Quais serão elas, pergunto-me: as que trazem consigo aqueles segredos que invadem todos os órgãos e os fazem apodrecer. O tipo de segredos que lhes devora as entranhas.

Nenhuma destas pessoas jamais adivinharia como passei o *meu* dia: a recontar o momento mais doloroso da minha vida para entreter desconhecidos. Até trago um discurso. Um discurso que recito com distanciamento absoluto, devidamente elaborado. Frases impactantes que sei que irão resultar quando as proferir e depois forem reproduzidas nos jornais, pausas fabricadas quando pretendo que determinada ideia seja bem assimilada. Afetuosas recordações do Mason que quebram uma descrição particularmente tensa, obrigando a uma descontração bem-humorada. Logo que começo a entrar profundamente nas circunstâncias do seu desaparecimento — a de descobrir que a janela do quarto dele estava aberta, deixando entrar uma brisa quente e húmida; o móbile colocado por cima da cama, os pequenos dinossauros de peluche oscilando suavemente na corrente de ar —, interrompo-me, engulo em seco. E então debito a história em que o Mason tinha já começado a falar. Em que pronunciava T. rex como «Tirantonáurio» — em que, sempre que ele apontava para as pequenas criaturas por cima da cama, o meu marido começava a roncar em voz alta, e ele soltava uma gargalhada antes de adormecer. O público descontraía um pouco, sorria, talvez até conseguisse rir. Notava-se um visível alívio nos ombros das pessoas; os corpos acomodavam-se de novo nas cadeiras, soltava-se a respiração coletiva. O público é assim, isto aprendi há muito tempo: não aprecia muito o desconforto. Ninguém quer realmente sentir o que eu vivi, todos os momentos desagradáveis. Basta uma amostra. Basta o suficiente para saciar a curiosidade… mas se o sabor for demasiado amargo, demasiado pungente, demasiado verdadeiro, os ouvintes estalam os lábios e afastam-se, desagradados.

E não queremos que isso aconteça.

A verdade é que as pessoas adoram violência — mas à distância. Quem discordar deste truísmo ou está em negação ou esconde alguma coisa.

— A sua água com gás.

Ergo a cabeça, encontrando a hospedeira com o braço estendido. Apresenta-me um copo pequeno de líquido transparente, com pequeninas bolhas que ascendem à superfície e rebentam com um fervor que satisfaz.

— Obrigada — digo, tirando-lhe o copo das mãos e pousando no colo.

— Não se esqueça de levantar o tabuleiro — acrescenta ela. — Em breve, descolaremos.

Sorrio, provando a água para indicar que entendi. Quando ela se afasta, debruço-me, enfiando a mão na minha bolsa até encontrar uma minigarrafa escondida no bolso lateral. Procuro muito disfarçadamente desatarraxar a tampa quando sinto uma presença ao meu lado, que me fita do alto.

— Estou aqui.

Estico o pescoço para cima, praticamente esperando encontrar alguém que conheça. Na voz existe uma certa familiaridade, vaga, como um contacto casual, mas ao encarar o homem à espera na coxia, trata-se de um desconhecido que traz uma sacola da TrueCrimeCon pendurada num braço enquanto o outro aponta para o lugar ao meu lado.

Aquele que fica à janela.

Ele vê que tenho uma minigarrafa na mão e sorri.

— Não conto a ninguém.

— Obrigada — digo, levantando-me para o deixar passar.

Tento não me mostrar carrancuda perante a ideia de ficar colada a um dos espectadores do evento, no voo de regresso… a bem dizer, o que sinto pelos fãs é complicado. Odeio-os, mas preciso deles. São um mal necessário: os olhos deles, os ouvidos. A sua atenção total. Porque se lembram de mim, enquanto o resto do mundo esquece aos poucos. Continuam a ler todos os artigos, a debater teorias em fóruns de detetives amadores, como se a minha vida fosse um mero *puzzle* cuja solução os diverte. Continuam a enrolar-se nos sofás ao serão, acompanhados

por um copo de Merlot, embalados pela reconfortante lengalenga do *Dateline*. Procurando a experiência sem *realmente* a viver. E é esse o motivo de existirem eventos como a TrueCrimeCon. De o público despender centenas de dólares em passagens aéreas, quartos de hotel e bilhetes das conferências: têm um espaço seguro no qual se deleitam com o fulgor sanguinolento da violência durante um punhado de dias, e o homicídio de um desconhecido se torna entretenimento.

Mas o que não concebem, nem podem conceber, é que um dia, poderão acordar e descobrir que a violência entrou através do televisor e se instalou no seu lar, nas suas vidas, parasita com as presas enterradas na carne. Vivendo no fundo, dando voltas até se instalar confortavelmente. Chupando-lhes o sangue dos corpos, até se sentir em casa.

Nunca ocorre a ninguém que também lhe pode acontecer.

O homem passa por mim e ocupa o lugar, enfiando a mala sob o lugar da frente. Volto a sentar-me e retomo o que fazia: o suave estalo da tampa que se abre, o barulho líquido da *vodka* a cair na minha bebida. Mexo com o dedo antes de dar um longo gole.

— Assisti à sua palestra.

Consigo sentir o olhar do meu companheiro de voo. Tento ignorá-lo, recostar a cabeça contra o encosto. Esperando que a *vodka* crie um peso nas minhas pálpebras, e estas não se voltem a abrir tão cedo.

— Lamento imenso — acrescenta.

— Obrigada — respondo, olhos ainda fechados. Embora não consiga realmente adormecer, sei fingir que durmo.

— Mas você é boa — continua ele. Sinto o bafo dele na minha face, o cheiro a pastilha elástica de menta presa entre os seus molares. — Sabe mesmo contar aquela história.

— Não é uma história — digo. — É a minha vida.

Ele fica calado, e eu penso que resultou. Por norma tento evitar que as pessoas fiquem incomodadas… sou cortês, faço o papel da mãe angustiada. Apertos de mãos, acenos de cabeça, sorriso grato estampado no rosto que imediatamente esfrego quando me afasto, em jeito de batom. Mas agora não estou na conferência. Acabou, fiz o meu papel. Volto para casa. Não quero voltar a falar no assunto.

Ouço o intercomunicador despertar por cima de nós com um eco esganiçado.

— *Assistentes, preparem as portas para a partida e validação.*

— Sou o Waylon — diz o homem, e sinto o braço estendido na minha direção. — Waylon Spencer. Tenho um *podcast*…

Abro os olhos e viro-me para ele. Devia ter adivinhado. A voz familiar. A camisola justa com decote em V e as calças cinzento-escuras apertadas. Não tem ar de espectador típico, com aquele cabelo lustroso e rapado na nuca em declive acentuado. A sua preferência por homicídios não é um gosto pessoal, mas uma forma de ganhar dinheiro.

Não sei dizer qual das opções é pior.

— Waylon — repito. Baixo a vista para encarar a mão estendida, a expressão expectante. Depois rodo o pescoço e cerro outra vez a vista. — Não quero ser rude, *Waylon*, mas não estou interessada.

— O *podcast* está a crescer em popularidade — afirma, insistente. — Quinto lugar na *app store*.

— Parabéns.

— Até resolvemos um caso arquivado.

Não sei dizer se é o movimento repentino do avião — uma guinada leve que me retorce o estômago, os braços enterrando-se no assento durante a aceleração agitada, esta caixa gigante de metal na qual estamos todos trancados que se desloca com rapidez crescente, inchando-me os tímpanos — ou as palavras dele que me deixam repentinamente desconfortável.

Respiro fundo, espeto as unhas no suporte do braço.

— Não gosta de voar?

— Importa-se de ficar calado? — disparo, virando a cabeça de modo brusco para ele. Vejo as suas sobrancelhas arquearem-se, a minha súbita picardia apanhando-o de surpresa.

— Desculpe — pediu com ar embaraçado. — Só quis… julguei que estivesse interessada. Em contar a história. A *sua* história. No *podcast*.

— Agradeço — digo, tentando suavizar o tom de voz. Ambos nos inclinamos para trás com a elevação do aparelho, o chão a abanar violentamente debaixo dos nossos pés. — Fica para a próxima.

— Não faz mal — diz ele, enfiando a mão no bolso para tirar a carteira. Vejo-o abrir o cabedal desbotado, escolher um cartão de visita e depositá-lo com delicadeza na minha perna. — Caso mude de ideias.

Volto a fechar os olhos, sem tocar no cartão. Já estamos no ar, rasgando nuvens inchadas de água, e raios de sol ocasionais abrem caminho pela aba semidescida da janela, banhando-me a vista com fortes clarões.

— Achei que era isso que a motivava — acrescenta baixinho. Tento ignorá-lo, mas a curiosidade leva a melhor. Não sou capaz.

— Isso o quê?

— Sabe, as suas palestras. Não deve ser fácil reviver continuamente a situação. Mas para manter o caso aberto é obrigada a fazê-lo. Para que seja resolvido.

Cerro os olhos com mais força, concentrada nos pequenos vasos sanguíneos que encontro dentro das pálpebras, uma teia de aranha avermelhada.

— Mas num *podcast*, não teria de falar para tanta gente. Quero dizer, diretamente. Só precisaria de falar comigo.

Engulo em seco, anuo ligeiramente para indicar que entendi, mas que a conversa não passará dali.

— Bem, pense no assunto — acrescenta, recostando a cadeira.

Ouço o leve farfalhar das suas calças enquanto procura uma posição confortável, sabendo que, dali a poucos minutos, ele alcançará sem dificuldade aquilo que não consigo ter há um ano. Abro um olho e viro-me para ele. O homem enfiou auscultadores sem fios nos ouvidos, nos quais soa um batimento contínuo, suficientemente alto para que eu o note. Observo então o corpo dele transformar-se daquela forma previsível, que me é tão alheia: a respiração fica mais profunda, mais estável. Os dedos começam a remexer-se sobre o colo, a boca descai como a porta de um armário que range, formando-se uma gota de baba no canto dos lábios. Passados cinco minutos, irrompe da sua garganta um ronco suave, e sinto uma dor na mandíbula quando cerro os dentes.

Depois fecho os olhos e imagino, por um instante fugaz, como deve ser boa aquela sensação.

CAPÍTULO TRÊS

Enfio a chave na porta de entrada e rodo-a.

São quase duas da manhã, e o trajeto entre o aeroporto e a minha casa é uma memória desfocada, tal como as fotografias de longa exposição em que os passageiros de uma estação ferroviária atravessam as plataformas arrastando cortinas de cor. Ao aterrar em Hartsfield-Jackson, agarrei no cartão de visita do Waylon e guardei-o na bolsa, reuni os meus pertences e encaminhei-me para a saída sem me despedir do homem. Depois, procurei a correr a próxima porta, embarquei no voo de ligação e fiz nova viagem de quarenta e cinco minutos até ao Aeroporto Internacional de Savannah/Hilton Head, sem tirar os olhos da cadeira na minha frente. Mal me recordo de me arrastar pela zona de recolha da bagagem e de chamar um táxi à saída do terminal. Deixei a viatura conduzir-me numa espécie de transe durante mais de quarenta minutos, antes de me largar à entrada da minha casa, trepando então os degraus aos tropeções.

Assim que a chave roda, o cão começa a ganir no interior da casa. Sei perfeitamente onde o encontrarei: sentado sem demora à entrada da porta, abanando o rabo furiosamente no chão de madeira, como um espanador. O *Roscoe* sempre foi este desbocado, mesmo quando era cachorrinho. Invejo a sua capacidade de se manter fiel ao que faz dele o cão que *é*, e não querer mudar.

Às vezes, quando me vejo ao espelho, já nem me reconheço. Nem sequer sei quem sou.

— Olá — murmuro, afagando-lhe as orelhas. — Tive saudades tuas.

O *Roscoe* solta um gemido surdo do fundo da garganta, arranhando-me a perna com as unhas. A vizinha cuida dele nas minhas ausências: é uma senhora idosa que, desconfio, tem pena de mim — ou então, precisa realmente dos vinte dólares por dia que lhe deixo sobre a bancada. Ela abre-lhe a porta para sair, enche-lhe a tigela. Escreve notas meticulosas que indicam os horários de banho do cão e os hábitos alimentares. Para ser sincera, não me sinto mal quando o abandono, pois ela fá-lo ter uma rotina melhor do que eu.

Largo a bolsa na bancada e folheio as cartas que a vizinha acumulou num monte, na maior parte publicidade e contas para pagar, até uma em específico me criar um nó na garganta. Agarro num envelope escrito com uma caligrafia familiar, reconhecendo o endereço dos meus pais no canto esquerdo, viro-o, enfio o polegar na abertura e rasgo-o. Retiro um pequeno cartão com flores na capa; ao abri-lo, cai um cheque no chão.

Pouso o cartão na bancada e solto lentamente o ar. Não tenho forças para tocar no cheque e ler o valor. Preciso de algum tempo.

— Queres dar um passeio? — pergunto ao *Roscoe* como distração. Ele roda num círculo, que é uma afirmação inquestionável, e sinto-me sorrir. Eis a beleza dos animais: adaptam-se.

Desde que me tornei uma criatura noturna, o *Roscoe* tem-me feito companhia.

Lembro-me de olhar para o doutor Harris, há nove meses, na nossa primeira consulta. A primeira de muitas. Embora não visse os meus próprios olhos, adivinhava-lhes o aspeto. Tensos, doridos. Sem dúvida, vermelhos, com pequenas veias normalmente invisíveis que se ramificavam ao longo da esclerótica, como um para-brisas cheio de fraturas e sangue após um acidente. Sem conserto. Podia piscar os olhos durante horas, que nunca melhorariam. Era como se as pálpebras fossem lixas, arranhando as pupilas a cada movimento.

— Quando foi a última vez que você teve uma noite seguida de sono, sem interrupções? — perguntara ele. — Consegue lembrar-se?

Claro que sim. Claro que me lembrava. Recordaria essa data até ao fim da vida, por muito que tentasse arrancá-la da memória. Por muito

que tentasse fazê-la desaparecer, e quisesse desesperadamente fingir que não passara de um pesadelo. Um pesadelo terrível, horrendo, do qual acordaria a qualquer minuto. Qualquer segundo.

— Domingo, seis de março.

— É demasiado tempo — comentara ele, lançando um olhar para o calendário em cima da secretária. — Três meses.

Eu anuíra. Já tinha começado a notar que um dos efeitos secundários de não conseguir adormecer era a forma como as coisas mais insignificantes ganhavam uma importância crescente, à medida que o tempo passava. Ficavam mais incómodas, mais impossíveis de ignorar. O tique-taque do relógio ao canto tornava-se ensurdecedor, qual unha comprida a bater contra o vidro sem parar. Apercebia-me invulgarmente do pó no ar, partículas de cotão flutuando devagar diante de mim, como se tivessem mexido nas configurações da minha pessoa, distorcendo o mundo como uma câmara lenta de alto contraste. Até identificava pelo cheiro os restos do almoço do doutor Harris, partículas de atum enlatado que pairavam no consultório, entrando nas minhas narinas com um cheiro forte e salgado, contraindo-me o esófago.

— Aconteceu alguma coisa fora do normal nessa noite?

Fora do normal.

Até ter acordado, pela manhã, nada acontecera de extraordinário. A bem dizer, a noite fora extremamente *banal*. Lembro-me de vestir o meu pijama favorito, prender o cabelo com uma fita e limpar a maquilhagem do rosto. E de deitar o Mason na cama, como é óbvio. Lera-lhe uma história, embalando-o para dormir como era habitual, embora não me lembre do nome da história, por muito que tente. Lembro-me de ter entrado no quarto dele, dias depois, após retirarem da porta a fita amarela ali colocada pela polícia, o silêncio do quarto fazendo expandir o espaço até ficar três vezes maior. Lembro-me de ficar ali, a olhar para a estante com os livros dele — *Boa Noite, Lua* e *A Lagartinha Muito Comilona* e *Onde Vivem os Monstros* —, tentando desesperadamente lembrar-me do livro que lhe lera. De quais foram as últimas palavras que disse ao meu filho.

Mas não fui capaz. Não me lembrava. Indício de quão banal fora aquela noite.

— O nosso filho — interrompera o Ben, pousando a mão no meu joelho. Fitei o meu marido, recordando-me de que ele estava presente. — Foi raptado do quarto dele naquela noite. Enquanto dormíamos.

O doutor Harris tinha obviamente de saber. O Estado inteiro da Geórgia tinha de saber… a nação. Foi quando ele inclinou a cabeça, como as pessoas normalmente fazem quando percebem o erro que cometeram e ficam sem palavras, o pescoço imitando o estalo de uma tampa que se fecha. Fim de conversa.

— Mas a Izzy sempre teve… problemas — continuou o Ben. De repente, era como se estivesse de castigo. — Em adormecer. Mesmo antes da insónia. Mas era um problema oposto.

O doutor Harris virou-se então para mim com ar avaliador, como se eu me tivesse tornado uma espécie de enigma para resolver.

— Cinquenta por cento dos casos de doenças do sono, mais ou menos, deve-se a questões de ansiedade, depressão ou outro tipo de sofrimento ou distúrbio psicossocial, o que faz sentido, tendo em conta o que vos aconteceu — disse ele, carregando no botão da caneta. — A insónia enquadra-se neste contexto.

Lembro-me de espreitar pela janela, descobrir o sol nas alturas celestes. As minhas pálpebras ficavam mais pesadas a cada segundo que passava; o meu cérebro, mais baralhado, como se envolto por um manto de neblina. Ele não parava de mexer na caneta, som que eu ouvia amplificado como uma bomba-relógio prestes a explodir.

— Faremos uns exames — disse ele por fim. — Talvez prescrever-lhe medicação. Não tarda nada, voltará ao normal.

Dobro-me para agarrar na trela do *Roscoe* quando descubro o meu reflexo no espelho do corredor, e encolho-me. É uma reação automática, tal como afastar os dedos de uma placa de fogão quente. Sei que devia ser mais branda para comigo. É verdade que sofri bastante, mas a falta de sono deixou marcas tão nítidas no meu rosto que dificilmente as consigo disfarçar. É como se tivesse envelhecido vários anos em poucos meses, com papos novos, descaídos e envelhecidos, a pesarem-me na base dos olhos. As finas camadas de pele sob os canais lacrimais transitaram de um tom azeitona cálido para um roxo profundo e escuro, como uma mancha sobre o mármore, enquanto o resto do rosto

adquiriu um tom acinzentado, como um pedaço de frango esquecido dentro do frigorífico. Perdi nove quilos em doze meses, o que nem parece muito, mas quando se é alta e magra como eu, isso nota-se. Nota-se nas minhas bochechas, no meu pescoço. Nas minhas ancas… ou, melhor dizendo, na falta delas. O cabelo, que era normalmente castanho-escuro e lustroso, também parece estar a morrer, com as pontas divididas ao meio como uma árvore rachada depois de ser atingida por um raio. A cor vai ficando mais opaca com o tempo.

Obrigo-me a virar as costas à imagem e prender a trela do *Roscoe* antes de sair de casa, o ar frio da noite arrepiando-me a pele dos braços. Tranco então a porta e viro à direita, seguindo pelo caminho habitual.

A ilha Hope é um pequeno pedaço de terra, com pouco mais de cinco quilómetros quadrados. Centenas de vezes a percorri de lés a lés, memorizando o curso do rio Skidaway ao serpentear pela margem oriental como uma cobra-d'água lustrosa e escorregadia. A forma como os carvalhos cobrem o promontório da vila em forma de arco, os galhos entrelaçados na lentidão dos anos como dedos artríticos. Ainda assim, é incrível ver o que a escuridão noturna provoca num determinado lugar: estradas que percorremos toda a nossa vida de adulto ficam estranhas, como se, em vez de pisarmos um piso liso, avançássemos diretamente para o rio turvo. Começamos a reparar nos postes de luz que até então ignorámos, e avaliamos a distância percorrida, bem como a profundidade, através das ilhas de luz entre cada poste com que nos cruzamos. As sombras tornam-se formas; todos os pequenos movimentos chamam a atenção, tais como a dança das folhas secas no solo ou as pernas das crianças fantasmas nos baloiços vazios, cujas correntes rangem na brisa. As janelas estão escuras, as cortinas, fechadas. Tento imaginar a vida no interior de cada casa por que vou passando: o movimento suave de uma criança adormecida, a luz de presença projetando formas sobrenaturais na parede. Cônjuges na cama, pele contra pele, corpos entrelaçados entre os lençóis… ou talvez afastados ao máximo, separados por uma fronteira gélida e invisível.

Ambas as situações me são familiares.

E depois há as criaturas da noite. Os entes vivos, tais como eu, que saem dos esconderijos, animados pela ausência de outros. Guaxinins

que se esgueiram pelas sombras, esgravatando no lixo. O piar longínquo de uma coruja, cobras que deslizam por entre as sombras, largando na esteira a pele seca. O canto dos grilos e das cigarras e das outras coisas invisíveis que correm por entre a relva com determinação firme, como o bombear do sangue nas veias.

Acerco-me do pântano que marca a fronteira do meu bairro e paro, atenta à água escura que ouço banhar a margem. Nasci em Beaufort, a pouco mais de uma hora deste local. Sempre vivi junto à água, aprendendo a nadar por entre as carpas-comuns que me faziam comichão nos pés e o som dos camarões a deslizarem na maré baixa. Amarrei pescoços de galinha a uma corda e deixei-os pendurados durante horas, esperando pacientemente sentir o familiar puxar de vida na outra ponta da linha, vendo inúmeros animais irem ao encontro da morte porque não conseguiam parar de morder: uma diversão doentia que nem eu compreendia, mesmo naquela idade.

Inalo o odor do pântano, e o mero odor faz-me regressar imediatamente ao passado. A casa. À forma de o sal se misturar no ar e o tornar espesso como leitelho. Ao odor familiar do lamaçal, podre como um dente cariado. Afinal, é disso que se trata. O fedor da decomposição; o beijo líquido da vida e da morte.

Milhões de seres vivos que morrem unidos, e milhões de outros seres vivos que estão em casa.

Olho para longe, sinto o braço subir instintivamente para encontrar a delicada área de pele atrás da minha orelha. O local que sempre procuro quando fico encurralada numa memória. *Esta* memória. Tento ignorar o revirar do estômago, aquela sensação de que enfiaram uma mão nas minhas entranhas, que as apertam com força, sem soltar.

Olho para baixo, para o *Roscoe*, parado à beira da água. Também ele fita um ponto distante, atento naquilo que parece estar ao fundo.

— Anda — digo, puxando-o pela trela. — Vamos para casa.

Regressamos pelo caminho de volta e, logo que entramos, fecho a porta, tranco a fechadura e encho a tigela do *Roscoe* com água, antes de remexer nos vários restos guardados no frigorífico. De seguida, escolho um recipiente de Tupperware que contém esparguete, abro a tampa e cheiro. Os *noodles* molhados deslizam para a tigela, ainda colados num

cilindro oblongo, a qual enfio no micro-ondas e fico a ver o relógio e a comida às voltas. Aqueles pequenos números digitais brilhando no escuro.

03:14.

Assim que o micro-ondas apita, tiro a tigela e levo-a para a sala de jantar, onde afasto papéis, pastas e *post-its* com ideias noturnas rascunhadas à pressa com esferográficas secas. A cadeira range quando a puxo, e o *Roscoe* aproxima-se de mim ante o barulho, deitando-se aos meus pés enquanto eu enfio o garfo na massa e o faço rodar.

Depois fito a parede, arrepios na pele ao ver que me retribui o olhar.

Encontro os olhos sorridentes dos meus vizinhos, os recortes das suas fotografias tirados de boletins da igreja e anuários da faculdade; as suas declarações, álibis, passatempos e horários ali fixados. Perscruto os olhos mortiços das fotos das detenções policiais; as expressões daquelas pessoas estranhas cujas imagens tirei dos registos públicos ou rasguei de artigos de jornal, e que agora decoram a parede da minha sala de jantar, como os pósteres das raparigas do ensino secundário — uma obsessão que não consigo domesticar. E por não conseguir, ponho-me a observar. A analisar. Tento ultrapassar o limite do papel e entrar naquelas mentes, ler-lhes os pensamentos. Pois, tal como os passageiros no avião, alguém, algures, esconde um segredo.

Alguém, *algures*, sabe a verdade.